

Mecânico some, mas promete revelar esquema

Raimundo Rocha,
Luís Cláudio Alves e
Paulo Barros (fotos)

O mecânico João Bosco Rêgo Pamplona, que vendeu um cartão da Sena premiado por um milhão de dólares para um esquema de lavagem de dinheiro, conforme informou ontem o **CORREIO BRAZILIENSE**, desapareceu depois que sua estória se tornou pública com medo de ser assassinado por integrantes do esquema. Pamplona, que reside em Taguatinga, chegou a fazer um último contato com a equipe de reportagem ainda ontem e revelou que iria "sumir por uns tempos", temendo que algo pudesse lhe acontecer. Ele prometeu contar tudo o que sabe sobre o esquema de lavagem e apresentar documentos comprovando a transação.

Um novo contato entre o mecânico e a reportagem ficou acertado para até o final desta semana, quando os detalhes da venda poderão vir à tona. No último encontro com os repórteres, Pamplona disse que sentiu um certo alívio ao ver seu drama tornado público, embora o medo de represálias ainda persista. Ele informou que iria se esconder em um local desconhecido até decidir os próximos passos a seguir. Desde a última segunda-feira, João Bosco Pamplona, mais conhecido como Jango, não comparece à empresa onde trabalha, no Setor Industrial de Taguatinga, mesmo não tendo o costume de faltar ao serviço, conforme revelaram colegas de trabalho dele.

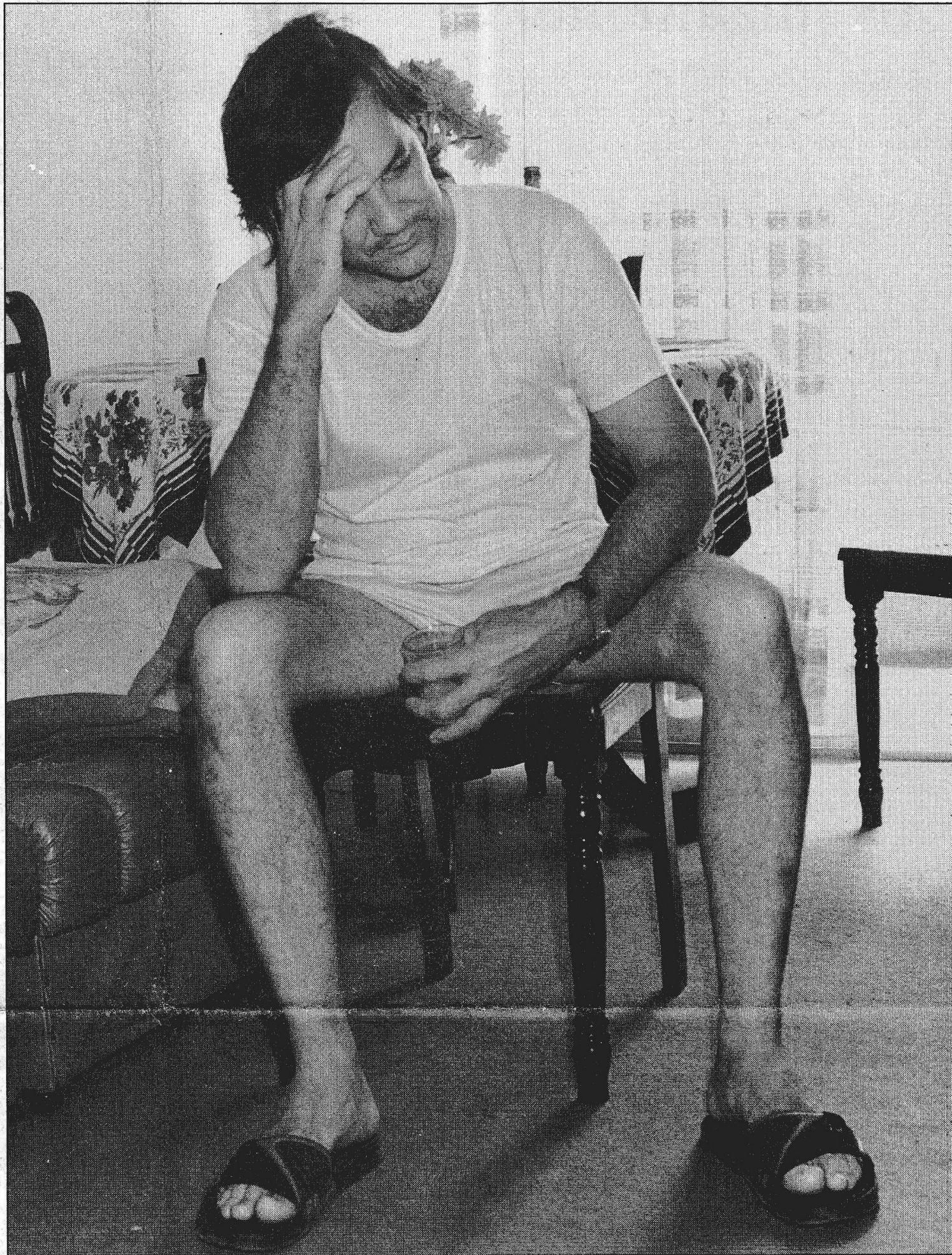
Negociação — O cartão premiado do sorteio número 252 da Sena, contemplado com 780 mil dólares, foi adquirido pelo mecânico das mãos de um cambista durante uma viagem a Alexânia, no interior de Goiás. O jogo foi registrado na agência lotérica Lealdade, de Anápolis (GO), e continha as dezenas sorteadas 31, 32, 35, 44, 48 e 49. Ainda enquanto comemorava a conquista, Jango foi procurado por um integrante do esquema interessado em comprar o cartão por uma quantia superior ao prêmio. A transação, intermediada por um funcionário

da Caixa Econômica Federal que o mecânico garante reconhecer, foi concluída no dia 15 de janeiro, cinco dias após o sorteio.

João Bosco Pamplona recebeu pelo cartão a quantia de um milhão de dólares, 28 por cento a mais do que pagaria a aposta premiada. Segundo noticiou a imprensa goiana na época, a aposta só foi paga dez dias após o sorteio para o agente de turismo Clécio Siqueira, de 20 anos. A demora no recebimento resultou na perda de quase CR\$ 1 bilhão (cerca de 63 mil dólares) e a desculpa de Clécio foi que ele estava "batalhando um dinheiro extra" na Bahia, coincidentemente o mesmo estado do deputado João Alves (PPR), acusado de comandar um esquema de lavagem de dinheiro através de jogos lotéricos.

Regularização — O que parecia ser um bom negócio acabou se revelando em um grande drama para o mecânico. Somente no pagamento da última parcela foi que ele recebeu a proibição de gastar os dólares antes de um ano da realização do negócio, sob pena de ser executado pelo esquema. Até hoje, Bosco não usufruiu do dinheiro com medo do que possa acontecer com ele ou com sua família. Os dólares estão escondidos em dois locais distintos e são a principal prova da transação que ele se arrependeu de ter feito. O mecânico também revelou que dispõe de cópias de documentos que comprovam o negócio e que estão em poder de amigos.

Sua intenção agora é obter apoio jurídico para regularizar sua situação para que ele possa gozar o prêmio a que tem direito. Ele quer trocar os dólares "sujos" que recebeu na transação por cruzeiros reais correspondentes apenas ao prêmio que acabou vendendo. Ao tomar conhecimento da estória de João Bosco, o presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, seção DF, Esdras Dantas, se prontificou a auxiliá-lo para que ele revele com detalhes todo o esquema e regularize sua situação. A disposição atual do mecânico é a de apontar os nomes de todos os envolvidos na presença de um juiz.



Após manter contato ontem com o **CORREIO**, Bosco fugiu temendo ameaças do esquema que comprou o seu cartão premiado.